

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ – SEED  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM  
DISCIPLINA: Língua Portuguesa  
PROF<sup>a</sup> – PDE – TITULADA: Maria de Fátima Pereira de Sena  
PROFESSORA ORIENTADORA IES: Eliana Alves Greco

### **LER O QUÊ? EIS É A QUESTÃO**

A necessidade de trabalhar com todos os gêneros textuais se faz presente nas escolas atuais. Os professores, principalmente, os de Língua Portuguesa, buscam subsídios variados para que o aluno desenvolva o seu potencial de interação com a língua.

Trabalhar com a literatura infantil e juvenil é uma angústia, não só para os professores ingressantes na carreira do magistério como para aqueles que já possuem certo tempo no ofício de mestres da Língua materna. A angústia se dá devido à falta de objetivos claros com relação a esse trabalho; à precariedade de materiais e até mesmo à ausência de livros, jornais e bibliotecas nas escolas públicas. Outra dificuldade encontrada é a falta de critérios das editoras para publicar livros destinados às crianças em fase escolar.

Nas diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2007), o programa de Língua Portuguesa propõe um trabalho com os diversos gêneros textuais e a ampliação de diferentes obras literárias. Entretanto, a enumeração de autores e obras dedicados à Literatura infanto-juvenil revelou uma fertilidade literária, no período pós anos oitenta, mas, não garantiu qualidade às obras. Ao professor, mais uma vez, coube a tarefa de selecionar o material publicado pelas diferentes editoras, para só depois desenvolver o trabalho com a Literatura.

A justificativa deste artigo está em contribuir com os professores de Língua Portuguesa, analisando a obra “Menina mãe” de Maria da

Glória Córdia de Castro, da Editora Moderna. Junta à análise apresentar-se-á os conceitos de Literatura e sua função definidos por teóricos como Cândido, Zilberman e Lajolo.

## **1. A Literatura**

Não se pode negar a importância da Literatura enquanto arte na vida das pessoas, já que ela possibilita ampliar os limites do próprio conhecimento, saber mais sobre o homem e o universo, distrair e provocar prazer.

A leitura é uma das formas de trabalhar o desenvolvimento do ser humano, pois ela liberta o ser para conhecer outros mundos. Para Abromovich (1989) ler,

[...] sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo, através dos olhos dos autores e da vivência das personagens. Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível. E contínua, lentamente, sendo exatamente isso. (p.14).

Até bem pouco tempo, a Literatura era vista como atividade inerente às classes sociais privilegiadas, todavia, no século XX, ela tem tomado novos rumos e vem sendo discutida por estudiosos que nela percebem relevante importância na formação do ser humano.

Cândido (1976), um dos responsáveis por essa postura crítica frente ao texto literário concebe a literatura como sendo:

[...] uma transposição do real para o ilusório por meio de uma utilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manifestação técnica indispensável à configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. (p.53)

Para o autor, a literatura apresenta três funções junto à realidade humana e às manifestações artísticas: a psicológica, a formativa e o

conhecimento do mundo e do ser. A função psicológica se justifica pela necessidade de fantasia que todo homem tem, quer seja primitivo ou civilizado. Porém, não podemos pensar nessa fantasia como fuga da realidade: ao contrário disso, a obra literária está sempre, de alguma maneira, representando o real, a vida, os anseios de uma sociedade. Sobre isso Cândido (1972) assevera que

a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade. Fenômeno natural, paisagem, sentimento. Fato, desejo, explicação, costumes, problemas humanos etc. (p.805).

Em relação à função formadora da Literatura, pode-se entender, de acordo com Cândido (1972), que ela não vai servir de modelo para produzir o bom comportamento nas pessoas, mas é na gratuidade que está a riqueza dos ensinamentos. “Ela não corrompe, nem edifica, portanto, mas traz livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver” (p. 808).

Pode-se dizer que o ser humano procura, a cada dia, entender e dar sentido ao mundo que o cerca, e a Literatura possibilita estabelecer relações com situações ímpares, deixando o leitor livre para interagir, mergulhar na leitura, transportar-se para outras situações e delas sair amadurecido.

Assim, a obra literária é importante no sentido de que ela se apresenta com forma e conteúdo organizado e, como consequência disso, humaniza pela coerência mental que propõe ou sugere. Esse processo pode envolver o leitor numa relação de liberdade e de ambigüidade interpretativa, proporcionando o surgimento de sensações não previstas e que passam a fazer parte das experiências do leitor.

Toda essa possibilidade de aprendizagem no contato com o texto literário dá-se de maneira natural; não cabem à escola práticas que visam à utilização da literatura para ensinar Moral e Cívica,

comportamento ideal, até porque, mesmo que ela faça esse uso equivocado, as obras literárias apresentam, através de seus personagens, certos comportamentos contrários ao que a sociedade postula como correto.

Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como manuais de virtude e boa conduta. (CÂNDIDO, 1972, p. 806).

A Literatura Infantil nasceu ligada à escola, e por muito tempo teve um caráter pedagógico-educativo. Contudo, para ser vista como arte, precisa se desvincular desse caráter e cumprir sua missão humanizadora. Segundo Cândido (1972), a literatura forma à medida que humaniza o leitor, levando-o ao conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca, mostrando e sugerindo a vida como ela é. Além disso, todo texto literário deve primar pela autonomia, ou seja, sua estrutura deve bastar para seu entendimento e a sua compreensão. Deve, também, provocar um estranhamento no leitor, rompendo com suas expectativas. Essa ruptura deve ser observada não só com relação à sua estrutura, mas também com a ideologia dominante.

Em relação à função de conhecimento do mundo e do ser, a literatura possibilita ao leitor enxergar a realidade, o momento histórico, já que se inspira no cotidiano e nas crenças de uma determinada época. Assim, as personagens e o contexto da obra literária representam, na ficção, o ser humano com todas as suas indagações sobre o que é a vida, o ser e o mundo. Cândido (1972) escreve que nela “podemos abordar o problema da realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade” (p. 808).

Frente a esse panorama, entendendo a dinamicidade da Literatura assim como a função de satisfazer a necessidade universal de fantasia, serve para contribuir para a formação da personalidade, conhecer o

mundo e o ser. O professor, ao trabalhar com a obra literária, na escola, deve ter claro uma concepção e nela buscar coerência para sua prática.

É necessário, para isso, que o professor deixe de adotar livros empacotados por catálogos bonitos e práticos, para estabelecer com o aluno o direito à discussão sobre as atividades de literatura que serão realizadas em sala.

Certamente, a literatura é um dos caminhos mais prazerosos pelo qual podem-se conhecer mais profundamente as pessoas e o mundo, porque todos os recursos tecnológicos que estão à disposição permitem conhecer apenas frações deste mundo, o que não é suficiente para se tornar um posicionamento crítico diante da realidade. A Literatura permite que o indivíduo vá construindo o significado das coisas e vá se tornando sujeito da própria aprendizagem, sem que para isso o professor precise ir ditando as normas.

### **A primeira fase da Literatura infantil brasileira**

A história da Literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVII, quando a criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto. Antes disso, a criança acompanha a vida social dele, participa também da sua literatura.

Os primeiros textos infantis escritos são de pedagogos e professores, com o intuito de educar. A escola assume a função de manipuladora da criança, conduzindo-a ao acatamento das normas vigentes, estabelecidas pela classe dominante. Assim, a literatura fica atrelada a essa função, visto que aparece presa à Pedagogia.

Até, 1880, circulavam no país apenas traduções de obras bem sucedidas na Europa e que foram feitas por Carlos Jensem e Figueiredo Pimentel. Depois, surgiu um clima de valorização da instrução e da

escola, despontando uma preocupação generalizada com a carência de material adequado de leitura para crianças brasileiras.

Estimulados pela campanha de modernização social, autores como João Vieira de Almeida, Afonso Celso, Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira elaboraram obras de cunho enciclopédico e envolvente, valorizando a unidade nacional e a unidade narrativa, a partir de extratos lendários, crenças primitivas, ou através do discurso retórico, sem que houvesse, no entanto, a preocupação de caracterizar a região em que as personagens estavam inseridas.

Nesse contexto de exaltação da pátria, da natureza, apelos aos heroísmos, devoção ao sentimento filial, ascende também a preocupação com uma linguagem vernácula, perfeccionista. A severidade lingüística levou a autora Alexina de M. Pinto a reescrever suas peças folclóricas. Sobre isso, Lajolo (1988) relata:

São inúmeros os textos desse período nos quais a língua portuguesa, como tema ou pretexto para poemas e histórias, transforma-se em símbolo pátrio equivalente à bandeira, à história ou aos heróis do Brasil. (p. 43).

Assim, fica marcada a primeira fase da literatura infantil brasileira, condenada pelos moldes europeus e servindo de parâmetros pedagógicos.

### **1.3. A consolidação da literatura infantil X a industrialização.**

Monteiro Lobato manifesta sua preocupação com a literatura infantil e publica, em 1921, *Narizinho Arrebitado*. Todavia a proliferação de textos não acontece imediatamente. Além de Lobato, encontram-se obras de Tales de Andrade. Somente em 1931, com a publicação de *Reinações de Narizinho*, é que se dá a etapa mais fértil da ficção literária brasileira, surgindo autores como Viriato Correia, José Lins do

Rego, Luis Jardim e outros que, embora de modo diferenciado, recorreram ao folclore e às histórias populares.

O crescimento quantitativo da produção para criança e a atração que ela começa a exercer sobre os escritores comprometidos com a arte nacional demonstraram favorecimento ao mercado dos livros. Autores como Lobato, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Menotti Del Picchia procuraram criar uma linguagem diferenciada, e usaram a linguagem oral sem infantilidade. Entretanto, representar essa oralidade não significou apenas desrespeitar regras de colocação pronominal: eles marcaram a natureza gráfica de suas obras e recuperaram a familiaridade do discurso, possibilitando a identificação do leitor com a narrativa.

Na segunda fase, a literatura infantil brasileira atestou um significativo crescimento quanto à quantidade e, se não conferia qualidade, mostrava; todavia, que a indústria do livro para crianças estava consolidada. O período seguinte é marcado pela profissionalização, acompanhada de especialização por parte de escritores e editores. Isso significa dizer que escrever obras literárias transformava-se em trabalho operário, pois o trabalho em série de autores como Maria José Dupré, Lúcia Machado de Almeida e outros predominou. A produção de obras narrativas, que tinha como finalidade explorar filões conhecidos, evitando a pesquisa renovadora, levou à marginalização da Literatura Infantil.

Por causa do baixo índice de leitura, o Governo apoiou, em 1970, a Instituição Nacional do Livro, que começou a co-editar, representando isto um investimento bastante significativo na produção de textos voltados para a escola. A mobilização que o Estado faz correspondeu a um investimento em Literatura Infantil, o que provocou um trabalho de adequação dessa leitura, pois o povo não estava habituado a ler. Então, foram criadas fichas de leitura, questionários, roteiros. Tornou-se comum à visita de autores nas escolas.

Graças à obrigatoriedade da leitura, a produção literária infantil brasileira cresceu assustadoramente, e esse crescimento maciço de obras para crianças inseriu-se num contexto social, político e econômico que favoreceu um modo de produção bastante moderno. Entretanto, esse modelo não garantiu qualidade, e sim um consumo em massa, favorecendo de fato as editoras.

A industrialização, além de afetar o modo de produção, privilegiou também alguns gêneros e temas, como a ficção científica, o mistério policial, a descrição da realidade. Segundo Zilberman (1991), junto a esse processo de produção, iniciou-se outro processo, a descrição da realidade. A criança passou a ter contato com obras que explorassem os problemas sociais até então tidos como tabus: drogas, separação, sexualidade. Os temas dos livros passaram a ser: “*O dia de ver meu pai* (trata da separação conjugal); *Cão vivo, leão morto* (alude ao extermínio dos índios); *Iniciação* (focaliza o amadurecimento sexual de uma menina); *Xixi na cama* e *Nó na garganta* (exploram o preconceito racial)”.

Isso propiciou o compromisso do livro infantil com valores autoritários, conservadores e maniqueístas. Neste período, o cenário urbano passa a ocupar o lugar central da narrativa infantil contemporânea. A literatura dos anos sessenta é assim caracterizada por Lajolo (1988):

[...] a Literatura Infantil dos anos 60 e 70 assumiu traços que a aproximam tanto de uma certa produção literária não-infantil contemporânea, quanto a fazem recuperar o atraso, incorporando conquistas já presentes na literatura não-infantil, desde o Modernismo de 22. (p.160).

É nesse período, marcado pelas chamadas obras não infantis dos anos setenta, ou literatura de engajamento, que se encontram as principais características da obra *Menina Mãe*, da editora Moderna.



## **2. Dados sobre a obra**

Maria Glória Cárdua de Castro é autora da obra *Menina Mãe*, texto em que uma adolescente é estigmatizada pela comunidade, por causa de sua gravidez. A narrativa, da Editora Moderna, possui 53 páginas e doze amplas ilustrações, bem feitas, que intensificam a visão maniqueísta da obra.

As ilustrações internas são nas cores preta e branca, as que envolvem a protagonista caracterizam-na como a vítima. As que envolvem o padre e outras personagens se destinam a evidenciar a surpresa do padre frente aos preconceitos que envolvem a menina e demonstrar a severidade da comunidade para com a gravidez dela. Na ilustração externa (a capa) há uma foto colorida, o que evidencia o período de 1970, década em que eclode a chamada literatura engajada, a fim de descrever a realidade. No verso do livro, encontra-se o resumo da obra (marketing).

Há um suplemento para direcionar a leitura dos alunos através de seis questões de compreensão e três de interpretação. Em seguida, há duas propostas de redação. Na primeira proposta há uma sugestão para que se escreva uma carta a Salma (protagonista) e outra a Leandro (antagonista). A segunda é caracterizada como reflexão sobre os acontecimentos da história e questiona os leitores sobre suas reações frente ao drama que a personagem vive na obra.

No exemplar do professor, a autora faz sugestões de como trabalhar as propostas de produção textual e alerta que as questões devem ser vistas apenas como estímulo ao debate, pois, é preciso que o professor esteja sempre receptivo à discussão de outros pontos que sejam de interesse da classe.

A obra teve sua primeira tiragem em 1987, momento em que estudiosos, preocupados com o rumo da arte, faziam considerações fundamentais sobre o papel do professor diante da literatura e sobre qual era a função desta nas escolas. A edição analisada é a trigésima, publicada em 1996.

## **2.1. Menina Mãe**

*Menina Mãe* é uma narrativa linear, encadeada cronologicamente; todavia, aparecem momentos de flashback, quando Salma se recorda de alguns fatos antes da gravidez. O narrador faz a descrição das situações e dos movimentos das personagens. Em nenhum momento ele é dispensado, evidenciando o conflito. Por se tratar de um gênero dramático, os diálogos simplesmente repetem ou parafraseiam o que já está contido na narrativa.

O trabalho do narrador consiste em apresentar os eventos lógicos e cronológicos, posicionando-se como onisciente e maniqueísta, focalizando os bandidos, ou seja, apresentando toda a comunidade que se volta contra a permanência da menina grávida na cidade.

[...] não havia ali, uma única alma viva que um dia não lhe houvesse murmurado aos ouvidos um grande segredo. Da mesquinhez mais banal ao sentimento mais sórdido, ao ato mais insensato. (p.34)

Para reafirmar essa focalização do mal e do bem, o padre e o médico posicionam-se como as pessoas íntegras e justas:

- Melhor do que o senhor não existe! Só Deus! – falou Salma, querendo chorar. (p.45)

Doutor Renato jamais se envolvera nos assuntos da cidade. Ouvia as histórias porque não era surdo. Respondia, sempre imparcial, para não ser grosseiro, mas desta vez estava difícil de racionalizar! (p.39).

A padronização da fala é um sintoma do controle que o narrador tem, não apenas sobre a sua narrativa, mas, especificamente, sobre a linguagem das personagens.

- Pois não dona Maria, deseja dizer-me alguma coisa? – perguntou ele com neutralidade à **empregada**, que o olhava sem nada dizer.  
- O prefeito ligou. Pediu que o senhor o chamasse assim que possível. (p.40).

Pode-se constatar que a fala do padre, personagem intimamente ligado aos estudos, à cultura, tem o mesmo registro lingüístico da empregada, normalmente pessoas simples e sem escolaridade.

Há basicamente quatro personagens no enredo: Salma (adolescente grávida e abandonada pela mãe); Padre Maurício (adulto que assume a função de proteger Salma); Doutor Renato (adulto que auxilia o padre na proteção da menina); e, a comunidade, ou seja, os demais moradores do lugarejo, os quais independente do sexo (homem ou mulher), da classe social (empregada ou prefeito) estigmatizam a adolescente. A caracterização das personagens consiste em construir uma postura doutrinária, já que a autora aproveita a ocasião para transmitir ensinamentos de boa conduta. A menina – mesmo ignorante – e o padre – pregador da justiça são punidos pela sociedade e expulsos dela.

- Sei o quanto ama aquela cidade e quanto tem lutado por ela. Imagino a grande estima que tem pela menina, pois a viu crescer na paróquia! Ela errou, a pobre, e por isso paga alto preço. Mas o senhor sabe que, quando as coisas chegam ao ponto que chegaram, nada mais demove o povo da injusta acusação. Nem que eu jure por sua inocência. (p.42)

- Bem, amanhã, padre Rafael asumirá a paróquia logo cedo. (p.43)

Levando em consideração a presença de leitoras desses livros juvenis, é surpreendente a representação quase geral do papel feminino no que diz respeito à subordinação da mulher. As leitoras confirmam o seu papel na sociedade como sendo o menor, o excluído, pois meninas precisam se preparar para a vida e a igreja deve se encarregar disso.

[...] estive falando com a madre superiora do colégio da cidade, ela prontificou-se a acolher a menina. Ela terminaria seus estudos, seria melhor preparada para a vida. (p.43)

As demais mulheres apresentadas são empregadas domésticas, ou então, donas de casa. A única que exerce função diferenciada é a parteira. No entanto, apresenta as mesmas características dos demais moradores: preconceito e hipocrisia.

- Amanhã vamos á parteira ... Dona Olga, você conhece ela, não é mesmo? (p.15).

Lá estava dona Olga à janela(p.17)

-Claro! Não me recuso a fazer nem de prostituta! Respondeu ela, certa de que ganharia uma “graça” especial por tanto desprendimento. (p.20)

Os conceitos expostos podem levar a uma indagação importante, quando se trata da literatura juvenil. O texto analisado representa idéias mantenedoras do *status quo*, quando a menina protagonista recebe ajuda dos adultos (o padre e a madre), mas não pode jamais continuar na cidade, por ter errado. A expulsão do padre da comunidade comprova a idéia geral de restauração de valores autoritários que perduram, mesmo quando falsos. Afinal, ele foi expulso porque acreditavam que fosse o pai da criança, o que não era verdadeiro.

Para atingir o objetivo de ser arte, o livro para a infância e juventude deverá adaptar sua estrutura a fim de relativizar o papel do adulto na narrativa. Afinal, geralmente é o adulto que escreve e marca com o seu ponto de vista, muitas vezes manipulando e direcionando a

interação da criança com o texto e o mundo representado no texto. É o que acontece na obra *Menina Mãe*.

Destinada à juventude, a narrativa deve atrair seu leitor. As personagens devem apresentar com ela pontos de identificação. Noutras palavras, o leitor precisa encontrar no texto um ponto de contato com a própria realidade, algo que o atraia para a leitura e o faça refletir sobre seu “ser” e “estar” no mundo. Ainda sobre a forma, o narrador deve compartilhar a perspectiva, o ponto de vista do leitor adolescente, sem bloquear ou censurar a ação das personagens no texto. Dessa forma, o texto poderá levar o leitor a um crescimento que possibilite a emancipação. Caso isso não ocorra, o texto poderá condicionar o leitor, em formação, aos valores do adulto, impossibilitando seu desenvolvimento emancipatório.

Na obra *Menina Mãe* percebe-se que a autora procura passar, de forma subliminar, uma moral com relação à sexualidade dos jovens. Ou seja, há um conselho nas entrelinhas da narrativa: “*cuidado meninas! Porque gravidez é pecado. Nunca encoste em um menino, pois você poderá pegar o vírus da gravidez e será banida de sua comunidade, assim como Eva.*” Desta forma, os aspectos observados e analisados tornam a obra negativa, podendo levar o leitor à depressão e não a momentos de lazer e de crescimento.

### **3. Considerações finais**

O presente artigo objetivou fazer uma retrospectiva histórica sobre a Literatura Infantil; comentar os seus conceitos, principalmente segundo a postura consciente de Antônio Cândido; e, analisar a obra *Menina Mãe*, da editora Moderna, com a finalidade de reconhecer-lhe características artísticas.

Entretanto, foi possível constatar que a edição é uma seqüência lógica dos objetivos da editora. Em momento algum, esta que orienta o

trabalho dos autores dos livros, parece ter consciência de critérios emancipatórios e de questionamentos. Os objetivos explícitos na publicação de títulos juvenis são claros, pois os catálogos para escolha de livros didáticos demonstram a preocupação das editoras com a quantidade, jamais com a qualidade.

Dessa editora podem-se citar os títulos: pode me beijar se quiser; Descobrimo a si mesmo – a passagem para a adolescência; Essa tal primeira vez; E, agora, Mãe? – Todos ensinando os adolescentes a conviver com a problemática dessa fase, mostrando que o ato sexual têm conseqüências que poderão deixar marcas profundas, em especial, nas mulheres.

Todos os temas publicados com o objetivo de passar ensinamentos morais e sociais, para Zilberman (1981), deixarão de ser Literatura, arte. A literatura Infantil, para Yunes (1988), não é aquela que se destina, exclusivamente, às crianças e sim àquela que pode ser lida também por crianças, pois, como arte, deve ser elaborada coletivamente, rompendo com o consenso, assim permitindo o fazer como invenção, renovação crítica.

Para finalizar, pode-se dizer que é importante e necessário trabalhar a literatura em sala de aula, pois ela leva o aluno a construir a própria aprendizagem, além de abrir-lhe o horizonte e permitir-lhe relacionar o que aprende com infinitas disciplinas, sendo capaz de transferir o que aprende na escola para a sua vida, para o seu dia-a-dia. Mas o professor precisa optar por uma literatura que faça o jogo da intertextualidade, pela paródia, pela investigação de estados existenciais infantis e pelo realismo que aparece, quebrando tabus e preconceitos. Trabalhar literatura não pode ser mais pretexto pedagógico, profissionais conscientes devem ter clareza sobre a afirmação.

#### **4. BIBLIOGRAFIA**

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo. Scipione, 1989. – Série Pensamento e Ação no magistério.

CÂNDIDO, Antônio. **A Literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 24:803 – 809, set. 1972.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. 3. Edição. São Paulo. Nacional, 1976.

CASTRO, Maria da Glória Córdia de. **Menina Mãe**. 30ª ed. São Paulo. Moderna, 1996.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto alegre. Mercado aberto, 1988.

IUNES, Eliana & PONDE, Glória. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**. São Paul. FTD, 1988.